



# Estruturação subjetiva: novas perspectivas metapsicológicas

*Myrta Casas de Pereda\**, Montevideu

*O social, que nos determina, como acontece ao longo dos séculos dando conta da diversidade sempre presente na singularidade, não muda o essencial da perspectiva metapsicológica, pulsões e destinos, o que muda são os conteúdos fantasmáticos que moldam a subjetividade inconsciente. Adoto uma perspectiva dinâmica na constituição subjetiva que lemos em Freud, enriquecida por autores posteriores dos quais tomamos as pulsões e destinos, o a posteriori e o conceito de realidade psíquica como conceituações dinâmicas que habilitam a diversidade na subjetividade. Sustento a idéia de montagem para agrupar os destinos de pulsão ao que acrescentei a desmentida estrutural, pois a interdependência entre ambas implica uma situação dinâmica e singular para cada sujeito. Repressão e identificação são os fornecedores de representações inconscientes, significantes onde se condensa a marca inconsciente do outro-Outro. Destaca-se a pulsão de apoderamento juntamente com a desmentida estrutural somados ao conceito de realidade psíquica que contém, na sua etimologia, a noção de efeito desse outro-Outro que nos envolve. Do discurso infantil, enfatizo o lado fático do mesmo, onde a subdivisão icônica, indicial e simbólica permite-nos abranger melhor nossa atividade na sala de jogos, já que são elementos que constituem o significante psicanalítico.*

*Descritores: Fantasias originárias. Repressão e identificações. Formações do inconsciente. Desmentida estrutural. Ilusão. Sublimação. a posteriori. Discurso infantil.*

---

\* Médica, Psicanalista e Membro titular da Associação Psicanalista do Uruguai (APU) e da Associação Psicanalista Internacional (IPA).



*“[...] para a psicanálise, o essencial não é a gênese,  
mas o vínculo com o objeto”*  
(Freud, 1920).

*“O que transforma o objeto real em simbólico é a  
atividade feita para apreendê-lo”*  
(Lacan, 1956-57).

### **Das questões atuais**

A psicanálise trabalha com a singularidade, sempre diversa, onde o atual indica, cada vez, o devir mutante da sociedade. As mudanças sociais são consubstanciais aos papéis também mutantes nas funções parentais; é marcante, por exemplo, o lugar diferente da mulher no tecido laboral e social que mobiliza a inserção do casal parental. É apenas um dos diversos elementos que mostram modificações significativas no que se refere às fundações da estruturação subjetiva da criança, pois somos constituídos, inexoravelmente, por esse outro familiar e social (outro-Outro) que nos envolve.

Nós, analistas, não ignoramos a incerteza que define nossa tarefa, assim como não ignoramos a tentação de pretensões causalistas. Somos trabalhadores dos efeitos determinados pelo social, estando imersos nesses mesmos efeitos.

A natureza humana configura e é configurada por um sistema de sinais, a linguagem no homem, que depende totalmente de todos os objetos exteriores. Dependemos de outro que nos conduz à vida e, ao mesmo tempo, do outro comunitário onde habitam as singularidades próprias de cada tempo e lugar.

A infância constitui um epicentro para o nosso olhar a partir das mudanças do social que nos circunda. Mas é preciso que a cautela oriente e evite conclusões precipitadas. O atual é somente a ponta de um complexo iceberg que luta para manter oculta sua enorme base onde se decantam e entrecruzam normas, leis, mudanças que o ser humano cria e elimina o tempo inteiro. Acredito que a incerteza toma conta de cada geração, o que não é nem bom nem ruim a não ser que a ignoremos. O medo do diferente sempre causou prejuízos, interrupções no progresso da humanidade. Os movimentos sociais e políticos indicam verdadeiros pontos de mutação que, inexoravelmente, nunca retornam ao lugar de onde partiram.

Não é fácil calibrar os efeitos que os movimentos do imaginário coletivo e



as mudanças simbólicas promoveram (e promovem) sem cessar ao longo do tempo, porque há sempre o risco de certezas totalizadoras.

Em nossa tarefa, considero fecundo o afrouxamento dos limites mais duros da psicopatologia, onde as fronteiras entre neurose e psicose, ampliadas pela gama de patologias narcisistas e borderline indicam modalidades diversas de estruturação psíquica passíveis de transformações e modificações, especialmente quando a criança é trazida à análise. Isto facilita nosso redimensionamento da neurose em suas prerrogativas de gravidade que não necessariamente se expressam como psicose e que é o campo mais freqüente de incidência do trabalho analítico.

É importante que não fiquemos presos a diagnósticos psiquiátricos duros já que condicionam efeitos imprevisíveis no núcleo familiar, assim como terapias diversas, geralmente com pouco espaço para a psicanálise.

Nossa perspectiva exige um aprofundamento nos avatares da estruturação subjetiva. Logicamente, isso não implica deixar de lado a perspectiva dinâmica da psiquiatria infantil, pois dou especial valor à colaboração dessa interação com o analista que trata da criança, incluída a necessária medicação.

As representações inconscientes condicionam modalidades da repetição e do sintomático que singularizam cada ser humano, e é importante pensar sobre nossa escuta psicanalítica, sobre o que somos capazes de ouvir para que existam chances de que algo possa ser transformado. Embora haja certa estabilidade na modalidade sintomática, isso não implica o radicalismo que se costuma atribuir a um tipo de marca a fogo, trata-se, na verdade, do modo de processar o traumático: repetindo o que não pode ser escrito ou o que se escreve com marcas ominosas. A inscrição, de acordo com sua própria definição, sempre dá conta de um lado real, não representável que indica a qualidade do inscrito e abre, desse momento em diante, caminhos de busca percorridos pelo desejo. É traumático o que não pode ser inscrito, mas também é traumático o que não pode não ser inscrito e que mostra o Outro em funções frustrantes. A marca, traço mnêmico como a escrita, denuncia a conjunção de uma perda (*la Cosa, das Ding*) com uma representação inconsciente que conserva a *qualidade* (Freud, 1895, p. 189) do acontecimento (sentidos incestuosos, aterrorizantes, mortíferos, libidinais ou gozosos...). A interpretação psicanalítica chega à maior proximidade possível das coordenadas prazerosas – desprazerosas que cercaram a inscrição, mediante a transferência.

Embora Freud recorra reiteradamente à filogenia, isso não o faz deixar de lado a marca do outro – *o semelhante auxiliador da ação específica* – de quem depende a qualidade do reprimido.

Quando a criança é trazida para análise, então, está diante de estruturas passíveis de modificações e transformações (nunca absolutas).



A representação inconsciente, significante, representante, interpretante, índices ou ícones, são sempre símbolos que mostram o inconsciente e que têm a virtude de tornar presentes vivências encarnadas de desejo, mas não corresponde a nenhuma materialidade evidenciável a não ser por seus efeitos.

O social, que envolve a sujeito psíquico ao longo do tempo, nos determina como o fez ao longo dos séculos nas peculiaridades de cada época. *Isto não significa que mude o essencial da peripécia pulsional e suas defesas ou destinos descritos precocemente por Freud. Mudam os conteúdos fantasmáticos que moldam subjetividades, mas não mudam os processos inconscientes, as ferramentas metapsicológicas que configuram o âmago da concepção freudiana do inconsciente.*

## A partir de Freud

Em uma nota agregada por Freud em 1920 ao texto *Três ensaios* (1905 p. 164), afirma “para a psicanálise o essencial não é a gênese, mas o vínculo com o objeto”. Em outra nota, também de 1920, acrescentada a *Três ensaios*, fala das *fantasias primordiais ou originárias*, onde enfatiza a universalidade das mesmas, mas move-se entre o filogenético e o dinâmico e singular, já que todos revelam a marca dos desejos inconscientes do outro parental. Longe de estigmatizar o Édipo como amor à mãe e ódio ao pai, amplia implicitamente outras dimensões, onde esse outro-Outro é imprescindível e ao mesmo tempo um risco: *sedução* precoce por parte de pessoas amadas com limites lábeis entre a libidinização imprescindível e seu deslizamento a erotizações; *castração* como delimitador imprescindível de fantasias de completudes fálicas; *retorno ao seio materno* que presentifica ao mesmo tempo a morte e imaginariza o engolfamento do filho por parte do desejo materno, paradigma filicida que inverte o sentido de nascer e se separar; *fantasia de cena primária* com o enigma da procriação e o desejo de *espionar com as orelhas o comércio sexual dos pais* e, finalmente, a necessidade de desmentir presente na fantasia de pais maravilhosos na *novela familiar*.

Trata-se da força dos desejos inconsciente parentais na constituição subjetiva do filho. O singular toma conta dos efeitos a cada vez, e sabemos que não há um filho igual ao outro e que como pais somos sempre diferentes, com cada filho, sem sabê-lo.

Sexualidade inconsciente, castração e morte, configuram o nodal de tais fantasias e não respondem a uma ilusão filogenética, mas ao efeito, único cada vez, da peripécia pulsional que nos condiciona.



O descobrimento freudiano do inconsciente mantém sua vigência, pois desde o início Freud habilitou o fracasso das leis lógicas ou dos tempos cronológicos e nos permite nutrir-nos de dois pilares essenciais:

- a) O eterno movimento pulsional, governado e submetido a um tempo lógico onde o cronológico acompanha a biologia, nunca em suposições paralelas.
- b) O paradoxo sempre vivo do *Nachträglichkeit*.

No primeiro dos pilares mencionados, o conceito de pulsão é proposto como *Grundbegriffe* (Freud 1915), conceito fundamental, lugar do fundamento (*Grund*) da estruturação subjetiva. É que a pulsão é dirigida a um objeto, no outro-Outro<sup>1</sup>, a partir da fonte (zonas erógenas); no seu retorno acontece uma perda (*das Ding*) e se *escreve o predicado da experiência dessa perda (Vorstellungrepraesentans*, representação coisa em Freud, significante em Lacan<sup>1</sup>). Resumo assim o essencial da *ação específica na experiência de satisfação* (Freud 1895). A rede significante ou representacional inconsciente que implica a *pulsão e seus destinos* é constituída pelos sucessivos e infinitos *predicados*. Entre eles, a repressão é responsável pelo surgimento do significante, assim como o é o trabalho identificatório, pois as identificações diretas e, especialmente, as secundárias, incluem a repressão do incestuoso.

No texto de 1915, Freud abre a presença do outro-Outro, pois tomando como exemplo a pulsão escópica<sup>2</sup>, demonstra o triplo movimento para a ida e volta da mesma: olhar, olhar-se e ser olhado. Lemos ali a simultaneidade que implica o registro significante da pulsão (repressão constituindo inconsciente), somado aos efeitos da identificação que mostram o *novo ato psíquico* de introdução do narcisismo (Freud 1914) que dá origem a um ego incipiente e precoce.

*Repressão e identificação* (Casas de Pereda, 1999a, 2007) são, então, os elementos constitutivos da subjetividade cuja trama torna-se rica e complexa ao longo do tempo.

A identificação repousa no escópico, mas também no auditivo e em todo o cinestésico (contato) que contribui para a trama fantasmática a partir das diversas zonas erógenas.

- Em relação ao *Nachtraeglichkeit* ou *a posteriori* trata-se de um conceito de longa data que pertence à história da filosofia, da poesia, da literatura... que nutrem nossa história... e revela certas verdades que não perdem sua veracidade

<sup>1</sup> Não homologo os referenciais teóricos de Freud e Lacan, mas não deixamos de considerar que em cada sistema teórico a escrita, a marca psíquica, a pegada mnêmica inconsciente concordam com a localização do significante como a *Vorstellungrepraesentans*.

<sup>2</sup> Pulsão escópica é a denominação introduzida por Lacan e cuja função Freud descreve neste texto, “[...] pulsões que têm por meta, [...] o ver e o mostrar-se e ser visto” (Freud, 1905, p.124).



pelo fato de não serem comprováveis. Acontece que justamente na linguagem usamos, sem perceber, o *futuro anterior*, que reúne em si mesmo um paradoxo temporal. O paradoxo também habita os espaços criativos da poesia, da arte em geral. Tabucchi (2006), quando aborda o gesto e a voz, oferece metáforas caras à psicanálise: “a voz é, portanto, um gesto”, e citando Diderot acrescenta “a entonação é a imagem viva da alma refletida nas inflexões da voz” (Ibid.).

O imaginário que abrange a imagem e colore o mito constitui um espaço-tempo singular onde o *a posteriori* enfatiza sentidos já que, por sua vez, as rédeas do simbólico e do real impedem o acesso a verdades absolutas.

O *a posteriori* habita as construções fantasmáticas assim como as atualizações transferências e, na melhor das hipóteses, favorece a possibilidade de ressignificações menos ominosas do que aquelas que deram origem ao sintoma. Atrevo-me a sugerir que nos *precoces* assistimos a uma produtividade permanente de escrita inconsciente que pode dar origem a fantasias plenas de ilusões e temores que acompanham a trama de uma neurose saudável. Não esqueçamos que o *conflito psíquico*<sup>3</sup> é o constituinte capital de nossa subjetividade. Sem limites (castração simbólica) não há vida psíquica. Mais tarde, puberdade e adolescência nutrem ressignificações que moldam a singularidade. As ressignificações acontecem continuamente e não devemos descartar a possibilidade de novas inscrições.

Insisto em que este achado freudiano de uma tríade de atos consecutivos referidos ao olhar não é linear, pois somente se o terceiro termo habilitar um segundo poderá tornar-se presente um primeiro. A semiótica também ilustra este tipo de realidade que é gerada *a posteriori* (Casas de Pereda, 2007).

Por sua vez, o conceito de realidade psíquica, enunciado por Freud, ajudamos a pensar o modo como a criança abrange o mundo e onde incide fortemente o *a posteriori*. Freud, ao longo de sua obra, usa o termo alemão *Wirklichkeit* que se refere à *realidade efetiva* que deriva de efeitos, pois o termo alemão contém o prefixo *Wirkung* que indica que a realidade psíquica é sempre efeito, parcial, subjetiva e ligada aos *efeitos do outro* parental e do *Outro* social que nos cerca e constitui. Efeitos que mostram a maneira como os movimentos sociais incidem na presença de novas apresentações da dor, do ódio, da culpa, do amor... da sexualidade, que em última análise os abrange<sup>4</sup>. Também efeitos que redundam em chances de modificações a partir do trabalho transferencial que o analista sustenta.

<sup>3</sup> A *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, RUP Nº 109, reúne trabalhos significativos sobre Conflito Psíquico ao longo da história da instituição APU.

<sup>4</sup> Algumas destas ideias foram desenvolvidas no texto *De la sublimación: vigencia de la pulsión y sus efectos* publicado na *Revista Uruguaya de Psicoanálisis (RUP) Número 110* de Julho de 2010. Também em: M. Casas de Pereda 1999b capítulo sobre *La patología de las desmentidas* de 1999.



O que cerca o pequeno *infans* na sua evolução de amadurecimento constitui singularidades inegáveis, mas não é o arcaico que costuma ser usado para situar um *lugar* de origem inalcançável que se povoa de sentidos. Trata-se de processos onde o desejo inconsciente do outro incide fortemente, sem esquecer que o espaço e tempo moebiano e lógico desbarata hipóteses evolutivistas ou mesmo estruturais. É claro que o traumático importa e que as pegadas mnemônicas significantes ou formações fantasmáticas ominosas requerem ressignificações vitais. Que elas possam acontecer ou não, não nos leva a falar de uma suposição arcaica apostada e fixada na origem mítica da cadeia significante. Logicamente, há danos que precisam e requerem novas articulações. Trata-se de um possível que estabelece a possibilidade da própria existência da psicanálise.

Daniel Gil (2011) propõe “o arcaico é apenas uma das formas em que tentamos explicar as origens”, e destaca os efeitos negativos da vigência de um princípio de causalidade que continua muito vivo no pensamento analítico.

## Da estruturação subjetiva

Infância, lapso de espaço tempo singular onde a palavra balbucia fonemas e nostalgias enquanto olhar e voz falam sem sabê-lo. Espaço tempo onde o radical é a indefensão que indica a dependência total do outro-Outro que nos envolve. Espaço tempo onde se forjam mitos que as lendas reúnem e as histórias faladas e/ou cantadas constituem tapeçarias de escritas genealógicas que nutrem sem sabê-lo. Refiro-me tanto aos que dão como aos que recebem. Musicalidade da linguagem que veicula infinitos sentidos tão essenciais quanto a diversidade de fonemas que, juntamente com o olhar e o alimento, aportam a vida. Também aportam os limites e a morte.

A linguagem, “condição do inconsciente” (Lacan, p. 43), é constituída por letras que se tornam sons, sons que se tornam letras, palavras ‘que fazem o outro fazer ou dizer’, que acariciam ou machucam... Tudo o que no discurso infantil é jogado em cenários singulares, plurais, sempre em diálogo com esse Outro que o convoca e que responde a partir do real enquanto sujeito do inconsciente, entre significantes que exigem formatos, movimentos, gestos, brincadeiras, montando fantasias em idas e vindas iguais e sempre diferentes.

María Lucila Pelento no Prólogo de meu primeiro livro (Casas de Pereda, 1999b) escreve “ajuda-nos, como analistas, a pensar na quantidade de questionamentos que se desdobram quando a clínica do escutar não fecha seus olhos para a clínica do olhar”. Refere-se a minha insistência com o gesto, a



brincadeira, a palavra, o olhar e a voz que são preeminentes no discurso infantil e que, ao mesmo tempo, o constituem. Também é a partir disso que o analista oferece interpretações, como no exemplo clínico apresentado ao final.

Recorrer à semiótica de Peirce oferece-nos instrumentos essenciais para enriquecer a escuta do Discurso Infantil y para aproximar-nos de uma maneira diferente à noção de *significante psicanalítico* (Casas de Pereda, 2007).

O *icônico, primeiridade*, mostra uma sensação, uma vivência que poderá não ser exposta em palavras, o *indicial-segundidade* que identifico como os índices do desejo inconsciente do outro, a partir das funções materna e paterna, e o *símbolo-terceiridade*, elemento que reúne os anteriores e confere o nome à marca psíquica, pegada mnemônica, representação inconsciente, significante. Tríade Peirciana (1991) que se configura um no outro de modo que um símbolo pode constituir-se em ícone para outro.

Marca do fazer-se fazendo que revela o discurso no ato da criança e onde se realiza para um antes que propicia sentidos e não sentidos que acontecem *a posteriori*. Estendo, assim, o movimento pulsional de ida e vinda do escópico a todas e a cada uma das modalidades pulsionais: oral, anal, olhar, voz e contato.

A noção de contato contida na pele<sup>5</sup> e em todo o proprioceptivo que lhe é solidário se presta a ser habitada pela pulsão. Uma força constante com metas diversificadas conforme as regiões e funções que designam a diversidade pulsional. Daí a necessidade de acrescentar o contato às quatro restantes. Da mesma maneira que um bebê não olhado, não falado, não alimentado – com o sentido libidinal do amor parental – se não for tocado, acariciado, cercado, sustentado pelo contato imprescindível daquele que o ampara na sua indefensão não terá condições de alcançar a desejada estruturação subjetiva. E não se trata do sentido amoroso consciente quando falo do amor parental, pois este, na verdade, deve transmitir as proibições inevitáveis para que efetivamente se produzam marcas psíquicas inconscientes.

É a mãe quem desperta a pulsão em seu filho, ao tocá-lo, cuidá-lo ou alimentá-lo... A paulatina apreensão do esquema corporal, precisa da libidinização do outro-Outro nas diversas modalidades pulsionais.

Como destaquei, repressões e identificações são os elementos geradores de significantes que povoam a trama inconsciente; tudo isso acontecendo desde muito cedo. Gerúndio e *a posteriori* indicam um espaço tempo onde o espaço se torna moebiano e o tempo é lógico e não cronológico.

---

<sup>5</sup> Freud em *Três ensaios* (1905, p. 154), afirma: *A pele em determinado lugar do Corpo diferenciou-se nos órgão dos sentidos e modificou-se até constituir uma mucosa que é, por tanto, a zona erógena por excelência.* (Itálico da autora)



Lacan, assim como Winnicott, enriquece este acontecimento com base nas suas próprias perspectivas teóricas. Identificações que sempre acontecem de fora para dentro, onde são observadas vicissitudes fantasmáticas em ambos os sentidos como ocorre com o *transitivismo* (a criança que vê cair, chora, a que bate se sente batida), ou a marca singular do sujeito funcionando no objeto como ocorre com o objeto transicional ou na eloqüente fantasia do companheiro imaginário. Trata-se da constituição progressiva do ego que só pode ser narcisista, especular e paranóico (Lacan, 1948). A isso se deve que a função de desconhecimento seja o próprio do ego. O ego não pode saber do inconsciente a não ser por seus efeitos: todas e cada uma das *formações do inconsciente*: lapsos, atos falhos, sonhos, sintomas e transferência.

A conjunção das diferentes modalidades pulsionais, *montagem* como veremos em seguida, da origem a fantasias e vivências que atestam essa constituição de fora para dentro e de dentro para fora que acabamos de mencionar.

Em textos anteriores (Casas de Pereda, 1999a, 2007) dei mais detalhes dos elementos estruturais inconscientes próprios do périplo infantil como é o caso paradigmático *da desmentida estrutural*, que situo como um quinto destino de pulsão acrescentado às quatro enunciadas por Freud (1915): repressão, sublimação, transformação no contrário, volta sobre si próprio e acrescento a desmentida estrutural.

Desmentida estrutural que se exerce sobre pegadas mnémicas já geradas pela repressão e incide especialmente na montagem fantasmática (ilusão e crenças) inevitável à indefensão da criança pequena. Desmente-se a diferença dos sexos, castração simbólica e também a morte.

Castração e morte constituem uma espécie de coluna vertebral que precisa da presença do simbólico, do imaginário e do real como o impossível, provenientes de Outro que o assiste. Conceitos complexos, assentados numa falta, numa qualidade negativa e que, em torno da castração, indica um fantasma universal (Freud, 1905), todos os seres com pênis, a mãe é fálica e é, ao mesmo tempo, a última a perdê-lo, coito oral, parto anal. Desmente-se, então, a ausência de um órgão que nunca existiu e este é o lado estrutural e simbólico da desmentida estrutural.

*A desmentida estrutural destaca a importância da produção de crenças solidárias à indefensão que implica o não poder com a castração e com a morte. Deste modo, a fantasia infantil é pródiga em crenças, os Reis Magos, o Ratinho, a Fada dos dentes, e todas as crenças descritas por Freud sobre o parto, o coito e a sexualidade.*

Acontece que a desmentida estrutural, quando habilita as crenças torna



presente a marca da *ilusão* que constitui um pivô importante para a sublimação. A ilusão está relacionada com o desejo inconsciente (Freud, 1927), e se afasta claramente das idealizações. A idealização conduz, às vezes inexoravelmente, à negação dos limites e, por isso, torna-se um risco importante na estruturação subjetiva. A ilusão, ao contrário, é solidária da constituição dos ideais habitados pelo desejo inconsciente (Casas de Pereda, 2007, cap. 15).

Todos os destinos de pulsão contêm, pela via do positivo ou do negativo, o *Não*, o limite, a perda, para que haja símbolos, escrita inconsciente, divisão de um sujeito de desejo inconsciente costurando fantasias.

Crença e ilusão constituem um par inevitável no enriquecimento subjetivo da infância (Casas de Pereda, 1999a). A desmentida estrutural ocupa um lugar intermediário entre as defesas duais e as triádicas, pois, apoiada no simbólico, funciona numa dinâmica de negação e exclusão. Seu efeito é dual, mas seu apoio é altamente simbólico. E expõe a vulnerabilidade própria da primeira infância.

O termo *estrutural* que a adjetiva, indica justamente a necessidade de desmentir a castração e a morte. É Freud quem, com sua aguda percepção do inconsciente na criança descreve, em 1905, as teorias sexuais infantis que prevalecem no imaginário infantil. Desmentida da castração que se soma à impossibilidade de abranger a noção de morte e finitude. Todos sabemos como é difícil, na primeira infância, a aceitação ou elaboração da morte, os lutos dos seres indispensáveis para a vida. Situações que povoam a mente infantil de esforços de negação, de idealização, de surgimento de temores, fobias, atos obsessivos e também de manifestações somáticas que revelam a dor psíquica sem palavras.

Lutos de árdua elaboração, nunca isentos de sintomas que precisam de um espaço tempo de trânsito sobre a perda para discriminá-la ou liberá-la de idealizações ou ódios mortíferos que povoam as culpas ou os sintomas, inclusive somáticos.

Na gênese da desmentida estrutural assenta-se a dialética presença-ausência que constitui um significativo movimento estrutural desde o começo da vida onde o *está-não está*, como o *fort da* indicam a marca forte de um dual que é necessário transitar e integrar num simbólico que o sustente.

É preciso levar em consideração o conceito de *pulsão de apropriação* (Freud, 1905, 1913, 1920, 1930), pois incide na forte marca semiótica do discurso infantil e, conseqüentemente, na singularidade da tarefa analítica na infância; o bom dentro, o ruim fora identificam o vital e o mortífero num dualismo constitutivo que exige a função simbólica da parentalidade.

Talvez não exista somente uma pulsão de apropriação, talvez a apropriação seja parte constitutiva da pulsão.



Toda pulsão implica momento de apropriação do outro, de seu olhar, de sua voz, de seu contato, de seus gestos, seu calor, ou no pedido das fezes, poder perdê-las para sentir-se bem. Pedido este, da mãe, que promove o aparecimento do *dom* (Lacan, 1962-63) em seu filho, a capacidade de dar e, ao mesmo tempo, a capacidade de perder. Ênfase a importância da perda como um elemento fundador e essencial para toda peripécia subjetivadora que permite elaborar a impossibilidade de ter tudo.

Em cada um dos destinos de pulsão arrisca-se a vida psíquica. Ali está em jogo o prazer da representação, em articulações e desarticulações que atualizam velhos, novos sentidos e constituem espaços elaborativos das perdas, das mudanças. Tudo isso se torna prazeroso, e neste prazer da representação e das modificações de sentidos que se sucedem na medida em que se produzem fantasias, está em jogo outro dos destinos de pulsão: a sublimação.

A proximidade e a articulação entre significantes derivados de identificações e repressões, implica o conceito de castração, onde a noção de falo que habita a metáfora paterna (repressão) juntamente com as fantasias de mãe fálica, convive numa saudável alquimia na qual repetição e *a posteriori* significam, ressignificam alternâncias que se sucedem nos primeiros anos da vida imersos na desmentida estrutural.

A sublimação, destino de pulsão não retomado posteriormente por Freud, está intimamente vinculada à noção de ideal. Diria que como os demais destinos de pulsão têm, no gerúndio e, portanto, na repetição, seu modo de funcionamento. O próprio Freud, numa carta a Jung escolhe o termo *sublimierung*<sup>6</sup>.

O sexual, reprimido desde sempre, espregueira e a sublimação torna-se aliada do distanciamento sexual da libido (direcionada para os objetos parentais).

É preciso desmembrar do termo sexual o genital, já que o sexual é muito mais amplo e inclui a libido oral, anal, escópica, auditiva e onde entendo que justamente compete à sublimação tal desmembramento que não é, logicamente, voluntário.

Trata-se de perder, uma e outra vez, os objetos parentais idealizados, com a dor conseqüente que isso acarreta, assim como o alívio.

São anos chave, onde está em pleno processo a possibilidade de libidinizar o conhecimento, *pulsão de saber* como o denomina Freud (1905), que indica, ao mesmo tempo, a necessidade de não saber (a manutenção da fantasia da mãe

<sup>6</sup> Numa carta a Jung desvirtuando alguma ideia de Lou Andrea Salomé, recomendava usar *sublimierung* e deixar sublimação para a química, (Silvestre, 1987).



fálica, das teorias sexuais infantis) e a dor-prazer que mostram o desvendar dos limites próprios e dos pais.

Sublimar talvez aponte para a possibilidade de querer saber... que os reis magos não são os pais ou que os pais não são os reis magos...

Trata-se de um acontecimento estrutural, dinâmico, entre ilusão e desmentida que permite libidinizar o conhecimento.

Considero que a sublimação está imbuída dos elementos ideais que competem ao ego-ideal-ego e que indicam tempos diferidos.

Freud foi muito claro ao afirmar que esse *ego ideal* não nos abandona nunca, e que apenas o delimitamos em algumas oportunidades. Acontece que também precisamos da ilusão que envolve elementos fundamentais que permitem identificações nesse singular equilíbrio ego-ideal-ego.

Jogos, mitos y histórias infantis falam da necessidade estrutural de ser cuidado e sustentado por outro-Outro que ampare e proteja, pois ali estão reunidas crença e ilusões que podem ser perdidas paulatinamente. Eu diria que as crenças e ilusões devem ser perdidas aos poucos e ali a sublimação é importante, já que empurra o sujeito dividido inconsciente, sujeito de desejo, para um deslocamento reiterado, para a substituição incessante de significantes, onde a idealização vai cedendo espaço para o ideal e permite que esse objeto idealizado, imaginário, possa ser abandonado ou substituído por um ato criativo.

A repressão envolve uma perda para que haja símbolo, enquanto que na sublimação impera a substituição de um significante por outro, sem perdas radicais *no real* orientada pela satisfação prazerosa, o prazer de representação.

Repressão e sublimação se sucedem e incrementam desde o começo da vida. A brincadeira de *está, não está* que a mãe faz com seu bebê pauta todo movimento de *fort da*. A mãe oferece gratificações e frustrações numa harmonia natural e propícia sem sabê-lo, momentos fundamentais da simbolização na estruturação subjetiva do filho.

As pequenas brincadeiras que a mãe introduz desde o início são imitados e realizados pelo bebê com grande prazer. Brincar com suas mãos, por exemplo. Libidinização do que se pode e não se pode é consubstancial ao cuidado amoroso da posição parental; repressão e sublimação acontecem em roteiros inconscientes representacionais que plasmam a rede inconsciente significante e identitária. O sujeito de desejo precocemente instalado entre significantes *aprende* a substituir brincar, pensar, criar. Tudo isso é libidinal, não sexual no sentido genital. Essa discriminação é importante, pois, se assim não fosse assistiríamos a curto circuitos arriscados para o ego, já que este emerge profundamente frágil, lábil, onde esses outros-Outros precisam amparar sua indefensão e não abusar das mesmas.



O saber e a investigação são sempre associados à sexualidade que se subtrai de seu reconhecimento, mas incita a partir do erógeno do corpo.

Eu diria que as representações presentes são sublimadas em montagens fantasmáticas inconscientes que revelam desejos incestuosos assim como limites do amor e do ódio que os constituem.

Por sua vez, o desejo que emerge dali em diante entre significantes, corre de substituto em substituto participando, assim, de uma insatisfação consubstancial com sua definição. O desejo será sempre insatisfeito, ou não será desejo.

Todos e cada um dos destinos de pulsão não seriam peças autônomas independentes uma da outra, sua funcionalidade reside na interrelação entre eles que determina possibilidades mais ou menos libidinais de subjetivação. Isto implica a noção de montagem.

Tomei a idéia de montagem utilizada por Lacan em torno dos quatro elementos da pulsão (objeto, força, meta e fonte) e estendo-o à idéia dos cinco destinos de pulsão.

Montagem que os reúne e determina em relação aos efeitos, sempre em movimento, onde a repetição é o modo de dar conta do desejo sempre insatisfeito. Repetição que também revela o essencial da transferência (Freud, 1914).

Trata-se de destino de pulsão eternos em sua dimensão erógena que se mostram com sua máxima intensidade na transferência analítica: rodeio transferencial desse objeto evanescente num vão esforço de satisfação que habilita a possibilidade de ressignificação com base na atualização transferencial.

Lacan, no Seminário XIV (1966-67), propõe que a repetição é a estrutura fundamental da sublimação. Acredito que seja a estrutura fundamental de todos os destinos de pulsão, um tipo de eixo em torno do qual trabalham os cinco destinos de pulsão. Mas não somente eles, também as formações do inconsciente que derivam deles e recebem o rótulo do funcional: sonos, lapsos, sintoma e transferência. Todos eles realçados nos jogos do discurso infantil em transferência.

A repetição é uma prioridade do funcionamento do inconsciente que na criança fica muito fortemente privilegiado no sentido de sua necessidade de ser escutada.

Em 1914, Freud introduz a repetição a propósito do funcionamento pulsional e, em 1920, a enriquece no sentido da repetição como atualização em transferência do sintomático. Acredito que podemos pensar que a repetição transferencial é prazerosa, tanto como, por exemplo, o jogo do *fort da* que fala de um *não* realizado que delimita fortemente. Por isso não é pertinente falar de resistências quando o que está em jogo é justamente a repetição sintomática na transferência e que é nosso caminho de entrada para o trabalho analítico com o paciente.



Satisfação é um termo que não deixa de tornar presente a raiz sexual erógena da pulsão, só que seu destino é ser sempre delimitada, e a sublimação realiza justamente esse tipo de suspensão da satisfação com um objeto que se substitui por outro, modificações próprias da sublimação que se produzem nas sucessivas articulações significantes.

### **A menina do quadro-negro<sup>7</sup>**

*Os pais de Emília, de cinco anos e meio consultam devido a transtornos de conduta, crises de angústia acompanhada de certa desorganização que os preocupa. Um ano e meio após o início da análise e depois de uma interrupção de dez dias, começa a sessão com uma atitude mimosa, de aproximação, sorridente. Tudo o que se transforma rapidamente no oposto e começa a me bater forte e reiteradamente. Tento contê-la falando de seu enojo devido a minha ausência, um abandono, a raiva por não estar. Pouco a pouco, o sorriso desaparece totalmente e em seu rostinho surge uma careta, um gesto vazio onde somente transparecia seu desejo de machucar, de atacar. Os golpes são cada vez mais hostis.*

*Insisto na afirmação que ela se assusta por sentir-se abandonada... Num certo momento e em meio a sua fúria, ela escorrega, cai e começa a chorar. Gritos lancinantes de dor tomam conta do consultório. Minha reação imediata foi saber se tinha se machucado, algo que justificasse a enorme dor que parecia física, inclusive pensei numa fratura, tal o nível de minha aflição, desencadeada por uma fratura simbólica na minha pequena paciente. Examinei-a, mas não havia marca alguma que indicasse algum dano corporal, digo-lhe que não havia se machucado, que estava bem, que se estava sentindo dor eu poderia ajudá-la se ela me indicasse onde doía, era uma tentativa inútil de ajudá-la a assumir algo que afetara seu corpo, já que sua dor não vinha dali.*

*Logo, quando entre seus gritos desatinados, articula um “MÁ!” berrado, expulsado. Retomo a palavra para mostrar a dor e a raiva onde talvez bater era bater-se, ser batida por uma analista má que a deixa cair, a aniquila, a apaga. Continuou durante muitos minutos com a mesma atitude. Tenho a idéia, então, de fazer algo para fazer-dizer, e peço-lhe que tente me escutar porque vou lhe mostrar o que aconteceu. Viro-me para o quadro-negro e começo a desenhar as cenas*

---

<sup>7</sup> Este material pertence ao capítulo 7, *El mito de lo arcaico* em *Sujeto en Escena, El significante psicoanalítico* (Casas de Pereda, 2007, p. 151-166) onde desenvolvo os aspectos semióticos do discurso.



*precedentes: Emília batendo na analista, depois caindo, numa sucessão de “quadros” onde eu tentava representar do modo mais convincente possível o que ia relatando com palavras, uma seqüência dos fatos. Ao mesmo tempo em que a desenhava junto a mim, olhava alternativamente para ela e para o quadro-negro como se estivesse copiando sua imagem, e fui apontando para suas trancinhas com laços em cada extremo, seu rostinho coberto de lágrimas, seu vestido...*

*Numa das seqüências desenho-a caída no chão e com a boca aberta gritando e eu, sua analista, ao seu lado, sobre a qual faço uma cruz; digo que a “MÁ” (escrito no quadro-negro sobre minha imagem), tinha feito sua analista desaparecer e a tinha empurrado. Depois, desenho-a levantando do chão e torno a desenhar-me ao seu lado. Fui assistindo com muito assombro o modo como foi se acalmando pouco a pouco enquanto olhava com toda atenção e conseguindo escutar. Recuperados os níveis simbólicos esmagados antes conseguiu brincar até acabar a sessão. □*

## Abstract

### **Subjective structure: new metapsychological perspectives**

The social, that determines us, as it happens along centuries giving account of diversity always present in singularity, doesn't change the essential of the metapsychology perspective, drives and destinies, what changes are the phantasmatic contents that mold the unconscious subjectivity. I adopt a dynamic perspective in the subjective constitution we read in Freud, enriched by posterior authors from which we take the *drives and destinies*, or *a posteriori* and the concept of *psychic reality* like dynamic conceptual that enables the diversity in subjectivity. I support the idea of mounting to group the destinies of drive, to which I added the *structural denial*, for the interdependence between both, imply a singular and dynamic situation for each individual. Repression and identification are the suppliers of unconscious representations, significant where it condenses the unconscious mark of the other-Other. The drive of empowerment is highlighted together with the structural denial, added to the concept of psychic reality which contains, in its etymology, the effect notion of that other-Other that involves us. About the child speech, I emphasize the factual side of the same, where the iconic subdivision, indicial and symbolic, allows us to better embrace our activity in the game room, since they are elements that constitute the psychoanalytic significant.



Keywords: Originating fantasies. Identifications and repression. Unconscious formation. Structural denial. Illusion. Sublimation. *a posteriori*. Child speech.

## Resumen

### **Estructuración subjetiva: nuevas perspectivas metapsicológicas**

Lo social, que nos determina, como lo ha hecho a lo largo de los siglos dando cuenta de la diversidad siempre presente en la singularidad, no cambia la esencial de la perspectiva metapsicológica, pulsiones y destinos, sino que cambian los contenidos fantasmáticos que moldean la subjetividad inconciente. Se privilegia una perspectiva dinámica en la constitución subjetiva, que leemos en Freud, enriquecido por autores posteriores donde se toma *pulsiones y destinos*, el *a posteriori* y el concepto de *realidad psíquica* como conceptualizaciones dinámicas que habilitan la diversidad en la subjetividad. Sostengo la idea de montaje para agrupar los destinos de pulsión donde he agregado la *desmentida estructural* pues la interdependencia entre ambas implica una situación dinámica y singular para cada sujeto. Represión y la identificación son los proveedores de representaciones inconcientes, significantes donde se condensa la impronta inconciente del otro-Otro. Se subraya la pulsión de apoderamiento junto a la *desmentida estructural* que se reúnen con el concepto de *realidad psíquica*, que contiene en su etimología la noción de efectos de ese otro-Otro que nos envuelve. Del discurso infantil enfatizo el lado fáctico del mismo, donde la subdivisión icónico, indicial y simbólica nos permite abarcar mejor nuestro quehacer en la sala de juegos dado son elementos que constituyen el significante psicoanalítico.

Palabras llave: Fantasías originarias. Represión y identificaciones. Formaciones del inconciente. Dementida estructural. Ilusión. Sublimación. *a posteriori*. Discurso infantil.

## Referências

- CASAS DE PEREDA, M. (1999a). Psicoanálisis con niños: tarea en construcción. *Revista uruguaya de psicoanálisis*: RUP, n. 90.
- \_\_\_\_\_. (1999b). La patología de las desmentidas. In: *El camino de la simbolización*: producción del sujeto psíquico. Buenos Aires: Paidós.
- \_\_\_\_\_. (2007). El mito de lo arcaico. In: *Sujeto en escena*: el significante psicoanalítico. Montevideú: Isadora, p. 151-166.



- \_\_\_\_\_. (2007). Simbolización: una puesta en escena inconsciente. *Revista uruguaya de Psicoanálisis*. n. 104, p. 180-186.
- \_\_\_\_\_. (2010). De la sublimación: vigencia de la pulsión y sus efectos. *Revista uruguaya de Psicoanálisis (RUP)*. n. 110.
- FREUD, S. (1895). Proyecto de psicología. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
- \_\_\_\_\_. (1905). Tres ensayos de teoría sexual. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
- \_\_\_\_\_. (1913). La predisposición a la neurosis obsesiva. Contribución al problema de la elección de neurosis. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
- \_\_\_\_\_. (1914). Recordar, repetir y elaborar. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
- \_\_\_\_\_. (1915). Pulsiones y destinos de pulsión. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
- \_\_\_\_\_. (1920). Más allá del principio del placer. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
- \_\_\_\_\_. (1927). El porvenir de una ilusión. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
- \_\_\_\_\_. (1930). El malestar en la cultura. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.
- GIL, D. (2011). En busca de la arké perdida. In: *Errancias: Freud y Lacan en los pagos de San José de Mayo*. Montevideo: Trilce.
- LACAN, J. (1948). La agresividad en psicoanálisis. In: *Escritos II, Siglo XXI*, México 1975.
- \_\_\_\_\_. (1956-57). La relación de objeto. In: *Seminario 4*. Buenos Aires: Paidós 1994.
- \_\_\_\_\_. (1962-63). Seminario 10, *La angustia*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- \_\_\_\_\_. (1966-67). Seminario 14, *La logique du fantasme*. Não publicado.
- \_\_\_\_\_. (1991). *Peirce on Signs*. Chapel Hill: University of North Carolina.
- SILVESTRE, M. (1987). *Demain la psychanalyse*. Paris: Navarin.
- TABUCCHI, A. (2006). *Autobiografías ajenas: poéticas a posteriori*. Barcelona: Anagrama.

Recebido em 04/04/2011

Aceito em 21/04/2011

Tradução de **Beatriz Affonso Neves**  
Revisão técnica de **Eneida Iankilevich**

**Myrta Casas de Pereda**  
Av. Rivera, 2516  
11300 Montevideú – Uruguai  
e-mail: mcasaspereda@adinet.com.uy

© Revista de Psicanálise – SPPA